

Agentes armados nos voos para EUA

BEN RUSSELL DAVID USBORNE * Em Londres e Nova Iorque Agentes policiais armados à paisana vão ser colocados em companhias aéreas britânicas de forma a reduzir o receio de ataques terroristas, anunciou ontem o Governo de Tony Blair.

Polícias altamente treinados, com armas especiais de baixa velocidade, serão destacados em voos britânicos não especificados para controlar piratas do ar e outros terroristas. Outras medidas que poderão ser adoptadas incluem mudanças no controlo de bagagens nos aeroportos, melhorias na protecção dos aviões estacionados e sistemas de segurança que impeçam os piratas do ar de tomar o controlo dos aviões.

David Blunkett, ministro do Interior britânico, e Alistair Darling, ministro dos Transportes, anunciaram o «responsável e prudente» apertar da segurança como resposta ao aumento do estado de alerta de terrorismo nos Estados Unidos.

Mas a indústria aeronáutica está céptica quanto aos benefícios dos marshals do ar. Não há dados sobre quantos serão colocados, nem se será pedido às companhias aéreas que contribuam para pagar os custos.

Os pilotos aéreos afirmam que os agentes tornarão o avião menos seguro e dizem que alguns comandantes poderão recusar-se a voar se não lhes for facultada a informação sobre a presença de agentes armados a bordo.

O comunicado conjunto dos Ministérios de Transportes e Interior surgiu poucas horas antes do Ministério dos Negócios Estrangeiros lançar o aviso de que terroristas poderiam estar na última fase de planeamento de uma atrocidade na Arábia Saudita.

Os Estados Unidos têm estado num alto estado de alerta para possíveis ataques terroristas desde que Washington aumentou o alerta nacional para «código laranja». Autoridades falam do aumento de informações dos serviços secretos

que apontam para um renovado assalto da Al-Qaeda, possivelmente ainda mais devastador do que os atentados de 11 de Setembro. Caças têm patrulado os céus das maiores cidades dos EUA, enquanto Washington anunciou também que estava a vigiar 30 cidades para o caso da libertação de agentes biológicos, químicos e radiológicos.

O comunicado do Governo britânico diz: «Como resposta ao aumento do estado de alerta nos EUA, medidas de segurança adicionais na terra e no ar foram introduzidas para as companhias britânicas que operam nos EUA (...). Marshals do ar serão destacados para onde for necessário.» Propostas de marshals do ar foram anunciados pela primeira vez há um ano atrás, mas o Ministério dos Transportes recusou-se a dar detalhes sobre as operações, enquanto as principais companhias aéreas declinaram comentar assuntos de segurança.

Blunkett insistiu em que voar ainda é seguro. «Posso assegurar ao público que se acreditássemos que não era seguro

viajar ou voar, o diríamos. O que estamos a propor são apenas sensíveis medidas adicionais de segurança», disse.

Os pilotos atacaram a decisão e avisaram que a segurança em terra se mantém perigosamente permissiva. Diz Jim McAuslan, secretário-geral da Associação de Pilotos Aéreos Britânicos: «Levamos a segurança a sério. Não pomos os passageiros da aeronave em risco. Mas não podemos concordar com a decisão do Governo em colocar homens armados nos aviões, por acreditarmos que isto fará mais mal que bem. Não queremos armas nos aviões.»

Luz e cor na entrada do Porto em 2004

ALFREDO TEIXEIRA O fogo-de-artifício volta, depois de amanhã, à Baixa portuense e tudo está programado para que a Avenida dos Aliados, apesar de grande parte estar esventrada pelas obras do metro, seja inundada por uma autêntica multidão. A Cultporto, instituição financiada pela Câmara do Porto, preparou «Uma Histó-

ria de Luz», um espectáculo piro-musical que, desta vez, não terá a concorrência da rive gauche, uma vez que em Vila Nova de Gaia nenhum programa específico foi preparado para comemorar a entrada no novo ano.

O que, a partir das 24.00, vai acontecer sobre a torre dos Paços do Concelho e dos restantes edifícios da avenida não é mais do que uma explicação pedagógica da «história da luz», pensada pelo Grupo Luso-Pirotecnica, empresa cujo percurso tem passado pelos mais variados eventos culturais e desportivos, tanto em Portugal como no estrangeiro. O fogo, desenhado por Joaquim Melo Rodrigues, pretende reforçar o simbolismo da quadra, recorrendo a 32 postos que ao longo de perímetro festivo misturam imagens e cores com a paisagem da Baixa. A banda sonora fornece, por seu lado, a estrutura central do espectáculo.

No esquecimento dos portuenses está já a polémica passagem de ano 1999/2000 que ensombrou, de certa forma, o futuro político e au-

tárquico do socialista Nuno Cardoso. Uma falha mecânica comprometeu o espectáculo e transformou-se em assunto nacional durante várias semanas. Mais presente na memória colectiva está o despique de fogo de artifício, ocorrido durante as últimas festas de S. João, entre os municípios do Porto e Gaia. Apesar de não ter tradição, a câmara de Luís Filipe Menezes organizou um espectáculo que ofuscou a festa do município portuense.

Este número não será agora repetido, já que em Gaia nada se preparou de especial para esta passagem de ano. Não há nenhum programa específico, mas está prevista música ao vivo no Cais e animação nas várias freguesias, com elementos etnográficos.

Boavista é o patinho feio do Euro 2004

RUI FRIAS Este estádio é a obra do seu «reinado» como presidente do Boavista?

É evidente que tenho muito do mérito desta inauguração, mas tenho que o partilhar com quem deixou os alicer-

ces para que isto pudesse ser realizado, neste caso o meu pai. O facto de ser inaugurado nesta altura tem um grande simbolismo: coincide com o final das comemorações do centenário e é uma forma de, por um lado celebrar estes 100 anos de passado, mas por outro salientar também o facto de o Boavista ter muito futuro.

Foi a primeira obra do Euro 2004 a arrancar e uma das últimas a inaugurar. Foi uma obra de dimensão difícil de suportar para o Boavista?

O planeamento obedeceu a uma agenda económica, porque o Boavista é o único que paga do seu bolso o seu próprio estádio e portanto não fazia sentido estarmos a apressar sem necessidade. O importante é estar tudo pronto para o Euro 2004. Agora, a injustiça que foi feita com o Boavista não é alheia ao facto de só termos concluído agora. É lamentável que nós sejamos obrigados a fazer uma gestão equilibrada dos nossos recursos, e nem sequer somos daqueles que têm mais recursos, e outros tenham tudo de mão beijada. Mas tam-

bém por isso esta obra teve mais valor.

O Boavista sente-se muito prejudicado em relação a outros promotores?

Quem fizer uma análise justa e correcta não pode concluir outra coisa. No Euro 2004 há dez estádios: cinco são estádios municipais, com fundos totalmente públicos, há um estádio (do Vit. Guimarães) onde há alguma polémica em volta da propriedade, mas onde o investimento foi também totalmente público, e depois sobram quatro estádios: os dos chamados três grandes - que tiveram fortíssimos contributos directos ou indirectos das respectivas autarquias - e há o estádio do Bessa, que foi o único que não teve nada, além daqueles 25% de um custo estimado que não corresponde minimamente ao real. Não posso deixar de verberar aquilo que foi o comportamento do Estado português e da autarquia do Porto em relação ao Boavista, altamente discriminatórios.

O Boavista foi tratado como o patinho feio?

Completamente. Não houve regras objectivas e iguais para todos. No futebol português passa-se um bocado aquele provérbio chinês que diz que todos os rios correm para os mares. Aqui há três mares e todos os rios correm para esses três mares. Como o Boavista não é um desses mares, é uma pequena lagoa_. O Estado tem que ter coragem de fazer justiça ao Boavista e isso é um dos fortes motivos que levam à minha recandidatura a um próximo mandato.

Com um título inédito de campeão e a obra do novo estádio feita, ainda tem desafios que o aliciem a continuar?

É uma pergunta que me fiz constantemente. De facto há a tentação para pensar que seria a melhor altura para sair. Mas sinto que isso poderia não ser bom para o Boavista. Não quero sair e quem vier atrás que feche a porta. Quero deixar a porta bem fechada, para sair com a consciência que deixei títulos, obra, projecto, mas também deixei condições plenas para que quem me suceda tenha sucesso.

E afirmar o Boavista como um grande? Ou esse é um projecto adiado?

Um Boavista ao nível dos três grandes é um projecto de longo prazo, um Boavista mais próximo dos grandes é um projecto de todos os dias. Com um ou outro momento de contenção, como é o caso actual. O Boavista ainda não é um grande, já não é o clube pequeno que era, é um clube médio-alto e o meu objectivo será aproximá-lo gradualmente dos grandes. Se demorou um século a cimentar o poder dos grandes, também não é em meia dúzia de anos que alguém vai conseguir chegar ao mesmo nível.

Pensou-se que o título do Boavista, há três anos, seria o início de uma nova era no futebol português. Pensa que algo de estrutural mudou de facto ou sente-se desiludido?

Gostava que fosse verdade que tivesse mudado muita coisa mas não mudou. A única coisa que se calhar mudou foi provar que era possível. Porque recordo-me de toda a gente dizer que era impossível. E eu pro-

vei que era possível. Evidentemente não vai acontecer todos os anos, nem provavelmente todas as décadas, mas é possível acontecer. Lamento é que o Boavista, desde esse momento, tenha passado a ser um alvo privilegiado. O Boavista abriu uma porta e os primeiros a querer fechá-la foram todos os outros que podiam entrar por essa porta.

Mas não houve falhas do Boavista também ao não conseguir dar seguimento a esse título?

Não, há uma diferença grande em termos estruturais. Como é que é possível o Boavista ter chegado ao título? Naquela época específica, o Boavista não precisou de vender jogadores como normalmente precisa, e ainda beneficiou de um input de dinheiro que lhe adveio da constituição da SAD e do seu aumento de capital. Naquele momento tivemos meios que normalmente não temos. E depois conseguimos manter um alto nível competitivo porque entretanto fomos à Liga dos Campeões e tivemos receitas altas. Enquanto houve esse orça-

mento tivemos um sucesso brutal. Mas eu sabia que se falhasse o sucesso desportivo, teríamos de baixar o nível de expectativas. Mas não as baixamos por baixar nem as baixo ad eternum. Baixo neste momento exactamente para nos permitir conseguir reunir condições para voltarmos a crescer. O Boavista está a fazer hoje aquilo que todos deveriam estar a fazer. Os que não o estão a fazer hoje vão pagar um alto preço no futuro.

O sucesso desportivo estava a estrangular o clube a nível financeiro?

Não era o sucesso desportivo per si. Eram os custos necessários para ter esse sucesso desportivo que estavam acima dos custos que nós teríamos normalmente. Era um sistema rotativo.

Vamos ter o Boavista num futuro próximo a lutar novamente pelo título?

Pelo título não digo, não seremos um candidato habitual. Mas até ao final do meu próximo mandato conto andar outra vez pelo meio dos grandes.

RUI RIO DEVE TER CORAGEM PARA CORRIGIR INJUSTIÇAS

O Boavista queixa-se de ter sido discriminado pelos sucessivos executivos camarários. É difícil crescer na cidade do Porto ao lado de uma instituição como o FC Porto?

É evidente que é mais difícil, até porque no presente o FC Porto tem um grande sucesso desportivo. Mas não é impossível e nós também o estamos a provar. Se calhar o período de grande crescimento do FCP foram os últimos 20/30 anos; ora, foi também o período de grande crescimento do Boavista. Uma coisa não é incompatível com a outra.

E quanto a essas discriminações, já há um entendimento com o executivo de Rui Rio para as corrigir?

Não, ainda não as corrigiu, mas espero que as venha a corrigir até final do mandato.

Revê-se nesta política de Rui Rio no que respeita ao relacionamento com as instituições desportivas da cidade?

Acho que o dr. Rui Rio escolheu um caminho difícil e o futuro dirá se escolheu bem o caminho. Tenho alguma expectativa para ver o que vai dar esse caminho que ele escolheu.

Para o Boavista nem o facto de o presidente da câmara ser boavista trouxe benefícios?

Esta situação de discriminação resultou não da gestão do dr. Rui Rio, mas de gestões anteriores. E também tenho dito que não sei se o poder da altura, caso continuasse, tinha corrigido estas situações. Até é possível que tivesse feito. Certo é que deixou uma herança de injustiça. Se o dr. Rui Rio vai corrigir ou não essa injustiça é problema dele e da sua equipa. Agora, eu acho que é preciso ter coragem. E às vezes ter coragem é também sujeitarmo-nos a que as pessoas pensem que é por sermos deste ou daquele partido e deste ou daquele clube que fazemos as coisas. Nós devemos fazer o que está certo. E o dr. Rui Rio também não se deve auto limitar por ser do mesmo partido e do mesmo clube que o presidente

do Boavista. Também não deve haver excesso de zelo.

Quem ficou mais a perder com o corte de relações entre FC Porto e Boavista?

Acho que ficaram os dois. Em parte iguais.

E como é que se ultrapassaram as divergências? Que passo foi dado?

Se calhar o bom senso de ambas as partes, sendo certo que o Boavista sempre disse que responderia aos ataques que lhe fossem feitos, mas que por vontade própria não teria má relação com o FC Porto.

As relações são agora as melhores ou apenas institucionais?

Estão a melhorar. Estão a criar-se laços de confiança que, espero eu, o tempo ajudará a consolidar.

FUTEBOL PORTUGUÊS VAI MELHORAR COM O EUROPEU

Ficou satisfeito com o calendário que o Euro 2004 reservou ao Bes-sa?

Fiquei. Sobretudo por o primeiro jogo ser com a Espanha.

E as críticas recentes do presidente da Câmara de Aveiro, que não percebe porque é que o Bessa é o único estádio de 30 mil lugares a receber três jogos na primeira fase?

Lá está. Falou do Bessa, não teve a coragem de falar da Luz, Antas ou Alvalade. Há pessoas que têm a coragem limitada. Parece ser o caso do sr. presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

O futebol português joga muito do seu futuro no Euro 2004?

O Euro podia e devia ser, além de um momento de afirmação do país e do desporto, um momento de reflexão de todos nós em relação àquilo que deve ser o futebol em Portugal. Tenho esperanças que o futebol português vai ser melhor após o Euro 2004.

HÁ ÁRBITROS QUE MANCHAM A CLASSE

No plano desportivo já sabemos que esta é uma época de transição.

Está a correr como esperava?

Sensivelmente como esperava. Claro que nós gostamos sempre de mais, sobretudo o último resultado foi um bocado penalizador [n.d.r. derrota em casa por 3-0 com o Gil Vicente], mas também é verdade que houve factores exteriores ao jogo_ O essencial é que já houve um rapaz de 19 anos, Vítor Borges, que jogou o ano passado nos juniores e que já fez dois jogos como titular, há uma série de jogadores que estão a ser integrados, temos jogado com uma equipa que normalmente tem 2/3 titulares da época passada, daqueles que eu esperava que fossem os grandes reforços desta época só um é que parcialmente já o foi - e sentiuse quando ele saiu da equipa - que foi o Frechaut, e ainda nos falta o Jorge Silva, são dois jogadores internacionais de grande classe e que dão outra solidez à equipa. Portanto acho que até ao final da época temos margem para melhorar, mas acima de tudo estamos a cumprir com o programado.

E já assegurou a tradicio-

nal venda da época, com Raul Meireles, Vítor Borges, Ricardo Sousa?

Lá está, três nomes que entraram esta época, sinal de que o bom trabalho está a ser feito. Mas sim, penso que no final da época haverá transferências, quiçá até já em Janeiro. Se bem que neste momento, com verdade, ainda não tenho nenhuma proposta de baixo da manga.

Mas está aberto à saída de um desses jogadores já em Janeiro?

À partida não é provável. Mas é possível.

O trabalho de Sanchez está a corresponder às suas expectativas?

Está-me até a surpreender positivamente.

O Boavista está a formar também um treinador?

Indirectamente sim e acho que vamos ter grandes benefícios em relação a isso no futuro. E há outra coisa importante: a própria aposta no Sanchez é uma aposta no reforço da mística do Boavista. Se um clube pretende aproximar-

-se dos grandes tem ele próprio que gerar as suas referências. E promovê-las.

O que está a ser difícil esta época é não falar das arbitragens, como tinha prometido. É demasiado tentador?

É verdade. Mas também estivemos 14 jornadas sem falar e aqueles que dizem que é importante não se falar das arbitragens nem uma linha escreveram sobre isso. Nem um comentário positivo. Não fomos acarinhados por esse bom exemplo nem pela comunicação social nem pelos próprios árbitros que, a determinada altura, como sabiam que não iam ser pressionado pelo Boavista e eram pressionados pelos outros tendiam a beneficiar quem pressionasse.

A arbitragem adultera a verdade desportiva do campeonato?

Mais do que a arbitragem como um todo, há três ou quatro árbitros que deixam ficar muito mal os restantes e contribuem para dar uma má imagem da classe. E o árbitro do último Boavista-Gil Vicente é clara-

mente um deles.

O Boavista não é, portanto, como muitos apon-tam, o clube do poder?

Isso é um dos mitos que tentaram criar sobre o Boavista. Desmentido facilmente pela nossa carreira na Europa. Depois tentaram vir com outro mito, que era o das faltas. Neste momento, olhando para os dados oficiais da Liga, o Boavista é a equipa mais penalizada na relação faltas

sofridas-faltas cometidas. A verdade é que somos, a par do FC Porto, o principal responsável por o futebol português ter direito a seis equipas nas provas europeias do próximo ano.

João Loureiro

Irlanda quer europeus a trabalharem juntos

A Irlanda assume a 1 de Janeiro a presidência da União Europeia (UE) com uma palavra de ordem que, à luz do impasse e divisões em torno da Constituição, se anuncia ambiciosos: «Os europeus devem trabalhar juntos.»

Dublin terá o privilégio de oficializar o big bang

da UE, com a passagem de 15 a 25 membros em Maio. Mas a incapacidade dos Estados membros em chegarem a acordo sobre a Constituição, em Bruxelas, deu uma boa ideia da tarefa que aguarda o Governo de centro-direita de Bertie e Ahern durante a sua presidência da UE. A procura de um hipotético compromisso neste tema arrisca-se a relegar para segundo plano os assuntos que Dublin gostaria de promover, como as reformas económicas (a designada Agenda de Lisboa) ou o relacionamento UE-EUA, afectado pela guerra no Iraque.

«Julgo que ninguém tem a menor ilusão», disse à AFP o economista Moore McDowell, da Universidade de Dublin, «este Governo sabe que se o tema dominante dos próximos seis meses é a negociação sobre a Constituição, então trabalho não vai faltar». Atendendo à dimensão «do fracasso da cimeira de Bruxelas, ninguém poderá condenar a Irlanda se o problema da Constituição não ficar resolvido», afirmou à AFP um diplomata europeu sob anonimato. Este diplomata

considera ainda que a Irlanda não será demasiado pressionada a obter resultados naquela matéria.

Esta é a sexta vez que Dublin assume a presidência da UE, sendo este o país mais entusiasmado em relação à Europa, logo após o Luxemburgo.

Além do tema constitucional, a presidência irlandesa terá de lidar com o dossier das despesas da UE alargada para o período 2007-2013. Também aqui tem pela frente um dossier complexo, já que os contribuintes líquidos, como a França, a Grã-Bretanha e a Alemanha, pretendem o congelamento do valor do orçamento da UE, como ficou expresso na recente «Carta dos Seis», que sugeriu a manutenção da despesa aos níveis actuais.

Alguns países estão tentados, segundo os observadores, a utilizar a negociação sobre o orçamento para fazer pressão sobre outros, como a Polónia, considerada intransigente em certas matérias da Constituição.

«Portugal ainda espera muito que as soluções caiam do céu»

MARIA AUGUSTA SILVA

Foi uma criança já com olhar de pensador mas sempre que o vejo tenho a sensação de que o apanho a jogar ao berlinde ou ao peão...

Olhar de pensador é uma metáfora audaciosa. Um olhar de curiosidade, sim, como o de todas as crianças. Tive uma infância banalíssima, vivida com as coisas próprias de uma aldeia isolada no espaço e no tempo [S. Pedro de Rio Seco, Almeida]. Brincávamos ao jogo da xona (noutros sítios chama-se bilharda) e ao pica-chão. E ao jogo do beto, parecido com o basebol, só que a bola era de madeira de um freixo. Jogava-se basebol na minha aldeia!

Perder ou ganhar não lhe importava?

Sou masoquista mas não tanto. Gostava de ganhar. Não sou um mau perdedor, no entanto não gosto de perder. Ninguém joga para perder, era o que faltava!

São mais as coisas que tem perdido ou as que ganhou?

Todos somos condenados à perda. Aquilo a que chamamos modernidade tende, por exemplo, para que a natureza seja dominada pelo homem e perde-se a relação de harmonia com essa natureza. Descartes enunciou isso muito bem. Queremos ser os mestres, os dominadores da natureza. Estamos bem adiantados nessa domesticação. Essa será, provavelmente, a grande tragédia da nossa cultura.

A poluição está a ser também ela globalizada?

A época da globalização é igualmente a da globalização poluidora da natureza. Andamos a brincar com o fogo. Estamos a asfixiar-nos, conscientes disso e aparentemente incapazes de encontrar uma solução. Todos os dias acrescentamos um pouco de fogo a essa asfixia da humanidade por si mesma. O desafio é este: ou somos capazes de controlar minimamente o que respiramos ou o homem está condenado. Entra-

mos numa espécie de apocalipse lento.

O lugar de Portugal no mundo, em particular na Europa, é hoje, sobretudo, o da cultura?

Portugal tem uma tradição cultural de características singulares que o distinguem quer no conjunto da cultura europeia quer no contexto da cultura ibérica. E nunca esteve tão integrado na ideia de se europeizar, de se modernizar, uma ideia que existia já na geração do romantismo do século XIX e na geração de 70. O país havia perdido o ritmo mais avançado da civilização e precisávamos de nos europeizar, de aceder por nós próprios aos benefícios da primeira e da segunda revolução industrial e suas consequências; precisávamos de actualizar-nos em toda a ordem de conhecimentos, mas existiu sempre um sentimento de que o «gap» entre nós e o mundo mais adiantado se aprofundava em vez de se colmatar. Hoje já não temos essa impressão.

Optimista?

Só não estamos conten-

tes com nós mesmos por causa deste fenómeno: os pobres chegam tarde à mesa dos ricos. Comparando, todavia, com outros países de iguais tradições, estamos sentados à mesa dos ricos, talvez a um cantinho da mesa.

Dão-nos o peixe ou só a espinha?

Dar-nos-ão aquilo que formos capazes de exigir e defender que nos seja dado pelos nossos méritos e não como quem distribui uma sopa aos pobres. Portugal, mesmo nesta fase moderna, ainda espera muito que seja de fora que lhe continuem a solucionar os problemas. Sempre à espera que as soluções caiam do céu, o que é paradoxal num país que teve uma fase na sua história, talvez muito mitificada, em que não ficava à espera que lhe trouxessem as coisas feitas, ia buscá-las. Fomos por esse Atlântico adiante e pelo Pacífico.

As caravelas regressaram...

Antes de regressarem já estavam paradas. As caravelas que têm êxito são holandesas, france-

sas, sobretudo as inglesas com um primeiro império europeu universal, que os portugueses de algum modo inauguraram mas que foi substituído pelo império inglês.

Esses impérios não tiveram que descolonizar?

Mas deixaram marcas indeléveis na história mundial, e nós também.

Em termos de desenvolvimento, os Pirenéus deixaram entretanto de ser uma barreira para os portugueses?

Nunca foram ou foram-no na vertente de conquisistas do espírito moderno que chegaram tardiamente ao nosso país, não no campo cultural. Se pensarmos na história da poesia, sentimos que não estamos atrasados em relação a nada. Portugal é um país que tem uma espécie de bilhete de identidade quase poético.

Uma vocação lírica...

Todos os povos têm. A história cultural europeia é uma espiral, as coisas passam de uns países para os outros de modo contínuo. As modas culturais europeias, em par-

ricular no Ocidente, estiveram sempre interligadas.

O «grande isolamento» de Portugal foi um mito?

A grande ruptura deu-se quando uma parte da Europa fez a revolução do chamado humanismo, uma reflexão sobre a cultura e o discurso da cultura num mundo que precisava de novas armas para compreensão do mundo antigo. Apesar de tudo, acompanhámos mais ou menos essa fase, basta o nome de Camões. Depois ocorre outra, a revolução científica. E, na tese de Sérgio, deu-se uma coisa sem explicação: Portugal dispunha de tecnologia e de um conhecimento dessa tecnologia idêntico ao de outros países europeus, tinha os Pedros Nunes, mas o conhecimento científico sofreu um apagamento. Perdeu-se o comboio durante muito tempo, não apenas em Portugal.

Porquê?

Em parte, por razões de ordem ideológica: todos os países da contra-reforma se fecharam a esse movimento onde tudo estava ligado, das mitolo-

gias às filosofias. E por razões de ortodoxia, em especial a católica, a crítica tornou-se impossível. Só hoje estamos a recuperar e a acompanhar o que se passa nas revoluções científicas nossas contemporâneas. Depois do 25 de Abril, há uma insistência na necessidade, para nós vital, de nos actualizarmos cientificamente, e que muito deve a pessoas como Mariano Gago ou João Caraça.

Ciência e cultura formam uma unidade nem sempre estimulada?

Uma visão puramente literária ou lírica da cultura é devastadora. E a ciência tem ainda esta coisa maravilhosa: é o único campo em que se ultrapassa a vaidade nacional. O sujeito da ciência não é o sujeito nacional, é o homem na sua capacidade de reflexão e de universalidade integral.

Conseguimos, apesar de tudo, andar acertados com a universalidade da tolerância de Flaubert?

Pelo menos temos o sentimento de que isso é indispensável. E de que a

humanidade se define através da vontade de descobrir o mundo, de o conhecer e transformar.

Costuma dizer que o nosso país vive entre dois complexos: o da grandeza e o da inferioridade. Mantém-se essa «esquizofrenia»?

Um pouco menos. Mas isso está tão arraigado em nós que se manifesta à primeira perturbação de que a sociedade portuguesa se ressinta na ordem política ou na ordem social. O país entra em órbita.

Para onde vamos com o aumento do desemprego?

Por que é que em Portugal isso ainda não se transformou numa coisa absolutamente intolerável e com efeitos imediatos na ordem política e de contestação? Porque a sociedade portuguesa continua a ter uma estrutura de auxílio familiar que ampara uma parte dessa gente caída no desemprego. A crise, contudo, é europeia. Em França, por exemplo, desempregados, não só da pequena burguesia mas também da média burguesia, vão à sopa dos

pobres. No entanto, essa gente tem a impressão de viver uma outra vida, uma vida de sonho por estar envolvida numa cultura de divertimento que passa pela televisão de manhã à noite.

Nas mais diferentes épocas, não se deram ópios ao povo?

Marx concentrava o «ópio do povo» na alienação religiosa, na religião que era, no seu dizer, a síntese de todos os ópios. Mas nesse ópio o homem pensa encontrar uma resposta que o pacifica. Julgo que Marx devia interrogar-se ainda mais profundamente sobre o «ópio do povo».

Em todo o mundo, a pobreza tem vindo a agravar-se...

Continua a haver zonas de grande miséria, franjas que são o inferno social. Mas no caso de Portugal, sobretudo nas aldeias, tivemos um país de economia puramente de subsistência, vivia-se do que as pequenas terras davam ou morria-se de fome. Muita gente teve de emigrar. Nesse aspecto, as coisas melhoraram. A crise, no entanto, é algo endémico. Vol-

ta sempre de outra maneira.

Quem somos hoje como actores da História passados 30 anos da revolução de Abril?

Não somos actores da História e isso não nos importa nada. Como estamos todos na mesma barca, fora da História enquanto europeus, isso consola-nos.

A UNICEF aponta um crescente analfabetismo, especialmente na população feminina. Que evolução?

Infelizmente é uma realidade e não apenas em Portugal. O iletrismo em França também está a aumentar, nunca imaginei! Isso demonstra, mais uma vez, que o progresso é uma ideia aceitável, todavia ninguém sabe se a humanidade está a caminhar no sentido de uma maior perfeição. Temo que esta rápida passagem da quarta classe para espectador da televisão dê uma nova formação de analfabetismo, uma formação acrítica. Um outro abismo está hoje a ser criado entre os que se encontram nas margens dos novos meios de alfa-

betização e culturização. Eu sou um analfabeto desse género.

Que diálogos devem ser exigidos ao progresso?

Não é coisa par ser decretada. A sociedade inteira, que é o sujeito do progresso, tem de pronunciar-se sobre o que é aceitável e inaceitável. Cada um deve responder.

A sua voz é, hoje, no domínio do pensamento português, uma voz solitária na interrogação e na reflexão?

Voz solitária, não sei. Cozheço é a solidão dessa voz. A nossa solidão é sempre invisível aos outros. Tenho raiva, às vezes, a esse Fernando Pessoa que inventou por meio de várias personagens a maneira de dar a volta à solidão.

Não tem razões de queixa. Todas as gerações gostam de escutá-lo...

Não sou tão narcisista que ande preocupado com o eco do que possa dizer ou escrever. A minha ideia, no geral, é que não somos um país que escute muito alguém. Cada um está

nas suas capelas. Escutamo-nos uns aos outros, porém mais preocupados com a figura que fazemos do que com o interesse objectivo das coisas de que falamos. Ruben A. já nos dava essa ideia a propósito do espectáculo dos portugueses nos cafés de uma Lisboa dos anos 40 ou 50 .

Vou usar uma expressão sua: andamos sempre à procura dos ossos para transformar os mortos em coisas vivas. No seu caso, porém, talvez não haja figura portuguesa que até hoje, em vida, tenha sido alvo de tanta homenagem. Com 80 anos continua a andar de um lado para o outro...

Isso é por fraqueza. Por não saber dizer não a solicitações, por boa vontade e amizade. Uma consagração viveu-a o país intensamente quando Saramago recebeu o Nobel, um acontecimento muito importante e justo para a cultura portuguesa. Portugal ou o Brasil tinham já nessa altura outros nomes igualmente nobilizáveis na prosa e na poesia.

Há uma crise de pensa-

dores em Portugal?

Antigamente não existia a sociedade espectáculo. Nos académicos havia mesmo certo pudor em falar de conhecimento. Agora é ao contrário, as pessoas invadiram o espaço público e tem-se a ideia de que toda a gente pode pronunciar-se sobre todas as matérias, basta saber ler e escrever... O país, aliás, está coalhado de universidades. O acesso a mais formação cultural faz parte do processo de democratização, mas não há um equilíbrio. Precisamos saber quem dentro dessa nova massa social que são os estudantes é, de facto, o fermento que revoluciona o conhecimento e a sociedade.

Que diz da actual paisagem cultural portuguesa?

De uma maneira geral, nos diversos campos da cultura, Portugal atravessa um momento diversificado e muito criativo. É claro que nem todos são escritores criativos como se imaginam. Viveu-se um tempo castrador de nós próprios, as pessoas tinham pudor em aparecer como romancistas

ou poetas, actualmente é o inverso. Prefiro, contudo, esta segunda fase à primeira, porque aparecem coisas inesperadas. Mas a paisagem cultural não é pensar que estamos hoje rodeados de Camões e de Giles Videntes. Nem todo o canto é canto, apesar de haver produção e criação.

É um búzio cheio de pensamentos?

A imagem é muito bonita. Foi das coisas que mais me fascinaram na minha infância. Havia uns búzios naquela terra que não tinha mar e o búzio causava-me a mesma emoção do rumor do vento, como se fosse um tempo que nos está sussurrando qualquer coisa que não somos capazes de interpretar.

Por que defende que os críticos são parasitas da obra alheia?

Há duas formas de parasitas: uns que se instalam na obra para se alimentarem dela, não para a iluminar; outros que também são parasitas mas parasitas felizes, sobretudo quando têm a impressão de que escutaram a tal voz vinda do

búzio que não tinha ainda sido percebida ou traduzida de uma certa maneira. Mas nunca substitui a dos poetas; a voz dos poetas é a original, a «palavra essencial» como diz Casais Monteiro.

Segundo Hegel, «cada sociedade tem a justiça que merece». Como vê a justiça portuguesa?

Os sentimentos de justiça e de injustiça são primordiais e fundadores da sociedade. E a justiça é uma instituição que está ao serviço da lei, da legalidade. As acusações de casos de pedofilia, claro que puseram o país à beira de um ataque de nervos. Compreendo que isto tenha sido uma espécie de tremor de terra moral. Agora, o que o país quer é que a justiça, a justiça de um regime democrático dê uma resposta e que essa resposta seja um exemplo de justiça.

Nas suas análises procura ver os dois lados da medalha. Há sempre «duas razões»?

Nunca se pode globalizar a experiência humana, a não por cegueira em relação a nós próprios. O que se alterou

nestes últimos anos da minha vida talvez se prenda com o discurso de apologia da dúvida, porque a dúvida também é um ídolo. O homem não está no absoluto, se estivesse nem podia respirar. A nossa primeira inscrição, no entanto, é no positivo, no sol, na luz. Se o sol excessivo nos fere então é que vem a sombra para nos proteger. Julgamos estar numa espécie de contestação permanente a tudo e a todos, esse é um jogo muito infantil. Não estamos. O que estamos é passando sempre de certeza a certeza.

Não assume o princípio da relatividade das coisas?

Não é a relatividade das coisas, é a relatividade da nossa opinião sobre as coisas. A vocação ontológica do espírito humano é a de estar na verdade. Como a vocação do amor. A vocação do amor não é o desamor. O amor eterno, por definição, ou é ou não é. Se na prática não é, esse será outro aspecto. Mas se a vivência amorosa tem algum sentido, ela só terá sentido enquanto tiver essa compo-

nente eternizante dentro dela.

Fez algum juramento de amor?

Se fosse só um!

No juramento de bandeira, como se sentiu?

Eu não sei, mas o público ficou comovido. Fiz chorar a reitora do liceu, contaram-me depois. Já tinha vocação!

Quais os tempos de que Eduardo Lourenço tem mais saudades?

Os que hão-de vir e onde eu não estarei.

«CADA NAÇÃO EUROPEIA CULTIVOU O SONHO DE SER UMA AMÉRICA» - Nunca tive um discurso idolátrico da cultura. A cultura é um lugar da consciência contra as tentações idolátricas. A anti-idolatria é que tem de ser conquistada. E termos consciência de que tudo o que sabemos não passa de uma gota de água»

Como irá ser uma Europa gerida a 25?

A história estava a fazer-se a um ritmo lento porque se pensava que a

União Soviética ia continuar a ser uma ameaça para a tradição capitalista ou social-democrata da Europa. A Europa foi feita para resistir. De repente, cai o Muro de Berlim e ficou sem adversário contra o qual se ia construindo. Fez uma fuga para a frente que vai ser difícil de gerir. Mas, das duas, uma: ou se encontra uma solução para gerir esta Europa dos 25 ou voltamos ao que foi sempre o sonho dos ingleses, o de que a Europa não seja mais do que uma nova EFTA. A Europa já se teria feito há muito se obedecesse a táticas e modelos caros à Inglaterra. Mas a Europa vai-se fazer, integrando, na medida do possível, as suas diversas tradições; em parte, está feita.

Uma vez ferido o Pacto de Estabilidade e Desenvolvimento, de que modo irá Portugal sair-se dessas «contas» com todas as suas inflações?

O caso em si não me parece extremamente grave, o que julgo grave na ruptura deste Pacto de Estabilidade é o exemplo que dá no plano ético e que poderá ter consequências políticas de-

sastrosas se os outros o seguirem. Se numa construção política não houver um pacto, não se pode ir para a frente. Que lei nos governa? Não creio, porém, que venha a ter grandes consequências. Poderá ter favorecido Portugal mas o nosso país não tem de estar de má consciência.

A Rússia está a emergir para se afirmar de novo como uma potência com voz activa?

É um dos maiores países do mundo. Vai querer restabelecer-se em função da sua história, da sua memória. Seria estranhíssimo que não acontecesse assim.

Voltar à via do comunismo?

Não. Talvez uma via de compromisso entre autoritarismo e democracia. Putin é isso, uma navegação entre a tradição autocrática e autoritária e a inscrição no horizonte da democracia que passou a ser paradigma mínimo na vivência política das sociedades modernas.

O rumo da mundialização poderá ser alterado

com Putin?

Por enquanto, não. Mas parece insólito que a Europa se alargue aos antigos países do Leste de tutela soviética como se a Rússia não existisse. A Rússia é Europa e essa Europa, a meu ver, tem de ir até ao fim. Como é possível pensar-se que a Turquia entre primeiro na União Europeia do que a própria Rússia, como é possível que a pátria de Tolstoi e Dostoievski fique fora da definição da Europa?

Inevitável outra «guerra fria»?

A entrada da Rússia na UE seria precisamente para que a guerra fria não tivesse mais lugar. E para que os EUA não possam ter mais a veleidade de uma outra forma subtil de quererem dominar o mundo.

Existem na Rússia importantes reservas de petróleo e gás...

E os americanos não andam a dormir na forma... Fazem a corte permanentemente. Agora, se os EUA ainda põem mais a mão nisso, então... Se a Europa fosse uma nação, o problema

não se punha, mas a Europa está longe de ser uma Nação. Cada uma das nações europeias considera que não precisa de ser mais nada do que é. Mesmo o federalismo não encontra grande entusiasmo no interior dessas nações porque é visto como uma espécie de grande Suíça e nós detestamos essa perspectiva de Suíça.

Continua a falar de uma «Europa desencantada»?

Porque a Europa não é ninguém como actor político no sentido próprio do termo. Cada nação europeia cultivou como pôde o sonho de ser uma América. A França quis dominar o mundo com Napoleão. A Alemanha quis dominar o mundo com Guilherme e com Hitler. A Espanha já o tinha dominado. A Europa, no entanto, não pode ser América por uma razão muito simples: a de ordem cultural e sobretudo linguística. A Europa é uma pluralidade de línguas e cada língua é uma nação.

Europa e EUA têm influências mútuas até por razões de acontecimentos históricos...

Naturalmente que sofremos a influência da América tal como esta se encontra cheia de Europa. Até os africanos foram europeizados na América. Foram os europeus que ofereceram aos EUA a ocasião de ascenderem, merecidamente, ao primeiro balcão da História. Só que a América construiu um código cultural e um código político diferentes; são estados que, mesmo se feitos de bocados transportados do mundo inteiro, formaram uma coerência sociológica e têm de comum a língua. Por um lado, a Europa até pode estar mais unida do que os EUA, os europeus até podem ser mais coerentes do que a América, mas somos uma coerência que, em termos de ordem política, é uma coerência de impotência. Está a ver--se a dificuldade em criar-se um projecto colectivo para a Europa.

Faliu o sonho colectivo europeu?

Exacto. Havia um sonho de universalidade. Nunca se verificou um pensamento mais universalizante do que a ideia criada pela cultura do romantismo. A Alemanha

de Goethe é isso.

Uma Alemanha que também deu um exterminador...

Deu um Hitler quando essa força cultural imensa que é a Alemanha do século XIX e princípio do século XX foi mal vencida na Primeira Guerra Mundial e lhe foi imposto o Tratado de Versalhes. Entrou no ressentimento. Hitler não podia ser o Hitler se não fosse um homem de um País de uma grande cultura e mesmo na ordem económica. Mussolini também foi isso.

Admite que a captura de Saddam Hussein fará mudar o xadrez do Médio Oriente e as opções dos EUA e seus aliados?

Já mudou mas não se sabe em quê, a começar pelos EUA e as suas relações com a Europa, particularmente com a França.

Há uma crise de ideologias?

O conceito não tem hoje a força e a vivência que se notou até ao fim da guerra fria. Não é que a ideologia não exista,

não pode deixar de existir. Mas, o que substitui actualmente as opções ideológicas fortes que existiram até à queda do Muro de Berlim? As grandes opções deste momento oscilam entre uma nova ordem do mundo tal como os EUA a representam e uma nebulosa que são os movimentos alternativos ditos genericamente anti-globalização.

Sente-se americano ou europeu?

Simplesmente europeu, por isso mesmo nada anti-americano.

Numa Europa marcada pelo cristianismo, uma laicização será pacífica?

A laicidade é a definição de um campo aberto que não é forçosamente anti-religioso.

Tem uma vasta obra ensaística, analítica, atravessada por um discurso poético. Sei que publicou um poema, Aceitação, aos vinte e poucos anos. No fundo, é um poeta?

Gostava de ser mas não sou. Esse poema sabia muito a Régio. Se algum português que saiba ler

e escrever nunca fez um poema é porque não é português.

Cultura, a melhor forma de nos redirmos?

Nunca tive um discurso idolátrico da cultura. Sempre pensei que a cultura é um lugar da consciência contra as tentações idolátricas e uma dessas idolatrias é a da própria cultura, porque a idolatria é que nos é natural. A anti-idolatria, essa é que tem de ser conquistada. E termos consciência de que tudo o que sabemos não passa de uma gota de água.

É-lhe útil a ironia e a capacidade que tem de rir ao mesmo tempo que fala de coisas sérias?

A minha passagem pelo Colégio Militar deu-me essa característica. Íamos para ser educados para militares mas a infância é anárquica, rebelde, e ficou-me sempre isso.

Por que declinou um convite para ministro da Cultura?

Seria um desastre. Tenho uma incapacidade para a acção, uma coisa

quase patológica. Devo gostar tanto de política como o actual ministro da Cultura [Pedro Rose-ta], por quem tenho muito apreço, um homem culto, talvez com excesso de modéstia, o que é a definição do anti-político.

Tem consciência de que logo com o seu primeiro livro Heterodoxia I (1949) ajudou a mudar muitas mentalidades?

O país era um tal sufoco que uma parte da minha geração reconheceu-se nesse pequeno grito de Ipiranga. Os livros não são em si as coisas, são o momento, a situação.

Diz que é um «místico sem fé». Como vive um místico sem fé?

Não vivo a fé como uma certeza nem como estando na posse da verdade, mas sim como desejo dessa verdade.

Fez uma introdução a um salmo...

A Bíblia é o maior repositório simbólico e ético do Ocidente.

Como vê uma Igreja que perante milhões de pessoas a morrer de sida in-

siste na mensagem do não uso do preservativo?

Plantou árvores, escreveu livros, tem um filho e netos. Que lhe falta?

É uma mensagem de princípio mas particularmente infeliz quando se traduz na condenação de milhões de pessoas.

Reconciliar-me comigo mesmo.

Em Vence (França), onde vive, é «vizinho» da Capela de Matisse. Um dos seus pintores eleitos?

Aproximei-me de Matisse pouco a pouco. É hoje considerado o pintor mais puro do século XX, uma simplicidade quase inatingível. Mas a minha primeira grande descoberta foi Klee, um deslumbramento. Se tivesse, no entanto, de escolher só um pintor, seria Rembrandt.

Cinema, outra paixão?

Sou um cinéfilo de marca maior. Woody Allen é uma personagem que me mimetiza. Tudo o que gostava de vir a ser um dia era Woody Allen!

Um livro?

A Morte de Ivan Ilich [de Tolstoi], uma obra-prima absoluta, um texto que não tem uma ruga.

This text has been copied from the "Diário de Notícias" with the purpose to demonstrate Portuguese hyphenation only. The text was processed using *TALO's formatter software.
30 december 2003